

# O PPGA (UFPA) numa visão diacrônica: contribuição na formação de recursos humanos e produção de conhecimento na e da Amazônia

**Renata de Godoy**  
**Antônio Carlos da Cruz Villas**

O Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará surgiu a partir de uma ideia, e de um grupo de pesquisadores que aceitou o desafio. Uma afirmação que parece óbvia, mas não é tão simples quanto possa parecer. Desde sempre ligado a duas pesquisadoras, que foram protagonistas dessa ideia, mas que não estavam sozinhas em tal empreitada: Jane Felipe Beltrão e Denise Pahl Schaan (*in memoriam*). Em conversas informais, e até hoje, o PPGA é referido pela maioria como “o programa delas”, o que ironicamente representaria uma visão teórica deste enredo. Na prática, existem mais protagonistas; por isso, pretendemos elencar alguns deles ao longo desta jornada.

Essa estória será contada por duas pessoas, e em alguns momentos apenas pela primeira autora. À frente da coordenação do PPGA pelos últimos dois anos, em parceria com Pedro José Tótora da Glória como vice-coordenador, devemos tudo ao nosso técnico administrativo Antônio Carlos Villas, nosso verdadeiro oráculo e sempre competente; então, nada mais justo do que dar a ele o crédito devido. Tanto Renata quanto Antônio Carlos<sup>1</sup> começaram no PPGA mais ou menos dez anos atrás. A partir de nossas vivências diferentes, nós combinamos de contar essa estória, que nos dá

---

1 Antônio Carlos é técnico administrativo no PPGA desde setembro de 2014.

muito orgulho, apesar das dificuldades. Desde já, pedimos desculpas aos muitas(os) docentes e discentes que não aparecem em destaque ao longo desta narrativa, e garantimos que as escolhas foram feitas no sentido de representar uma pequena amostra de um todo que é muito expressivo, e muito maior do que seria possível citar aqui neste capítulo.

A partir de uma visão panorâmica, iremos apresentar, a seguir, dados quantitativos e qualitativos, reunidos a fim de pensar este Programa ao longo de sua trajetória de 13 anos. Há muitos(as) egressos(as) que, hoje em dia, se encontram em instituições de ensino e pesquisa, ou em outros cargos relevantes para a antropologia amazônica; assim, optamos por destacar apenas alguns que representam as primeiras e as últimas defesas, visando a proporcionar uma leitura ampla da produção deste programa ao longo de sua curta estória.

No início era tudo mato?

O PPGA nasceu da necessidade de se criar um Programa de Pós-Graduação em Antropologia apto a abarcar as áreas de Antropologia Social, Arqueologia, Bioantropologia e, eventualmente, a Linguística Antropológica, entendidas como importantes para atender a demandas particulares à Amazônia, mas inexistentes em outros Programas no país. Há alguns anos, três de seus pioneiros resolveram contar essa estória no Caderno 4 Campos<sup>2</sup>, um periódico criado e gerenciado pelo corpo discente do PPGA:

Dez anos é um tempo curto em termos institucionais, mas para quem participa da “empresa” é muito e parece distante. Lá atrás, em 2007, quando insistimos na ideia, lançada por Andrea Kely Campos Ribeiro dos Santos e Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza, propondo a criação de um curso de Antropologia, em nível de pós-graduação com mestrado e doutorado, e nos seus quatro campos, tudo parecia quimera. Entretanto, a vida e as instituições são constituídas de passos ousados! A lembrança

---

2 Para maiores informações, consultar: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio/a>.

indica que os experientes desaconselharam os passos, alguns desprezaram a possibilidade contida na proposta, entretanto teimosas(os) seguimos adiante. Para testar nosso desejo, escrevemos uma proposta e a submetemos a um Seminário que chamamos Antropologia em Foco, assim mesmo, sem número. Trabalhamos entusiasmadas(os). Discutimos que a Antropologia de tradição norte-americana encontrava-se dividida em quatro campos, que são a Arqueologia antropológica, a Antropologia física ou biológica, ou ainda Bioantropologia, a Etnologia (ou Antropologia Sociocultural) e a Linguística antropológica. Analisando a tradição, pensamos que os campos disciplinares pudessem fazer parte de um mesmo curso de Antropologia, no qual a(o) discente fosse encorajada(o) a cursar disciplinas dos quatro campos antes de especializar-se em um deles. A maneira holística de conceber a Antropologia, que possui sua origem no evolucionismo do século XIX, quando uma compreensão da evolução humana em todos os aspectos era desejada, desfz-se em alguns lugares por razões históricas durante o século XX, quando passamos a assistir a uma fragmentação cada vez maior, com uma emergência de fronteiras, ou até mesmo barreiras, entre os campos disciplinares. A capacidade que possuíam antropólogos como Boas, Kroeber, Sapir e Lowie de dominar amplos campos do conhecimento tornou-se bastante rara entre os estudiosos que os sucederam, tanto pelo volume dos avanços do conhecimento científico, quanto pela busca cada vez maior de especialização dentro da academia, fato que atingiu não só a Antropologia, mas todos os ramos do conhecimento. (Beltrão; Schaan; Silva, 2019, p. 6-7).

O Antropologia em Foco tornou-se um evento referência do PPGA depois de sua criação, e era realizado anualmente até sua sexta edição. Objetivava promover um fórum de debates sobre a interdisciplinaridade em Antropologia, com relação a temas relevantes para a Pan-Amazônia. Entre todas as suas edições, em sete edições possibilitou o diálogo entre acadêmicos sênior e estudantes de Doutorado e Mestrado do PPGA, e membros da comunidade em geral, a partir dos resultados de investigação nos quatro campos da Antropologia.

Hoje sabemos que o desafio da área de linguística está além das nossas pretensões; ao longo de sua existência o PPGA tenta fortalecer e, eventualmente, criar uma nova área de concentração. Mesmo nos programas de pós-graduação com essa configuração *four fields* estadunidenses, a linguística antropológica é um desafio (onde eu estudei, por exemplo, a situação era exatamente igual: falta de profissionais capacitados e/ou interessados em desenvolver pesquisas na área).

O PPGA, então, é composto por três áreas de concentração: Antropologia Social; Arqueologia, e Bioantropologia<sup>3</sup>. A Antropologia Social contempla a formação de cientistas antropólogos em nível de mestrado e doutorado com capacidade de atuar em conjunto com arqueólogos e bioantropólogos. Tem por foco a formação teórica em Antropologia Social, direcionada para atuação na Pan-Amazônia, levando em consideração a relação antropólogo e sujeitos sociais junto aos quais os profissionais trabalham privilegiando a compreensão da diversidade cultural dos povos tradicionais que habitam a região, sob diversas óticas, nativas e acadêmicas. Atualmente, a área de Antropologia Social está dividida em três linhas de pesquisa: *Gênero e Sexualidade; Povos Indígenas e Populações Tradicionais; e Memória, Paisagem e Produção Cultural*.

A área de maior demanda é a Antropologia Social. Logo no início, contou com pesquisadores como Flávio Leonel Abreu da Silveira, Cristina Donza Cancela, Ernani Pinheiro Chaves e Agenor Sarraf Pacheco, entre outros. Fabiano de Souza Gontijo, Edna Ferreira Alencar, assim como Jane Felipe Beltrão, Rosa Acevedo Marin e Eliane Cantarino O'Dwyer são nomes consagrados na antropologia brasileira, e temos a honra de contar com as suas produções.

Com o tempo novas professoras integraram o quadro de docentes, como as etnólogas Katiane Silva, Beatriz de Almeida e Júlia Otero dos Santos. Érica Quinágua Silva tem passagem breve mas, nem por isso, menos significativa, pois integrou o corpo editorial da Amazônica, e apresenta

---

3 Informações disponíveis no site do PPGA: [www.ppga.propesp.ufpa.br](http://www.ppga.propesp.ufpa.br).

produção expressiva e transversal à área de Bioantropologia. Nayara da Silva Camargo é hoje nossa colaboradora, e mantém viva a chama da Linguística antropológica.

Visando a apresentar resultados, em um texto curto, optamos por divulgar em especial os recursos humanos formados pelo PPGA. A tese de Jerônimo da Silva e Silva (2014), sob orientação de Agenor Sarraf Pacheco, foi das primeiras defesas, e atualmente Jerônimo é docente na UNIFESPA. Da mesma turma, na linha de pesquisa *Gênero e Sexualidade*, destacaremos o egresso doutor Wladirson Ronny da Silva Cardoso (*in memoriam*), que defendeu tese na primeira turma do PPGA com o título *Para Além da Juventude – “antropologia da experiência” e do “modo de vida gay” de homossexuais masculinos em processo de envelhecimento da cidade de Soure (Marajó/Pará)* (Cardoso, 2014), sob orientação de Ernani Pinheiro Chaves. Na linha de pesquisa *Memória, Paisagem e Produção Cultural*, destacaremos a tese de Manuela do Corral Vieira (2013), com título *Os jovens flâneurs.com: a construção e a liquidez da identidade no espaço das redes sociais da internet*, orientada por Cristina Donza Cancela. Manuela Vieira é docente da UFPA na área de Comunicação. Estes seriam exemplos dos pioneiros, e da variedade de temas que já passaram por aqui.

Em um programa de pós-graduação em antropologia, na Amazônia, o protagonismo deve ser dos egressos das ações afirmativas. No caso dos indígenas, destacamos as teses defendidas por Almiros Martins Machado (2015), Rosani de Fátima Fernandes (2017), e William César Lopes Domingues (2022), Uwira Xakriabá, todos sob orientação de Jane Beltrão e atualmente vinculados a instituições federais pelo Brasil. Uwira também fez mestrado no PPGA (2017), sob orientação de Jane Beltrão. Outro destaque é a tese defendida pela Maria Páscoa Sarmiento de Sousa (2022), quilombola, sob orientação de Rosa Acevedo Marin. Não por acaso a grande maioria de teses e dissertações está na linha de pesquisa “Povos Indígenas e Populações Tradicionais”.

Uma característica interessante é que apesar de estarmos organizados em áreas de concentração, o ideal na proposta original do programa é que

possamos produzir em qualquer linha de pesquisa. Na tabela 1, podemos observar a maior demanda do PPGA, que é a Antropologia Social. Apesar de uma concentração maior nas linhas de pesquisa da área, a quantidade de discentes que desenvolve suas pesquisas em linhas transversais é significativa.

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO ENTRE LINHAS DE PESQUISA DE EGRESSOS E DISCENTES DA ANTROPOLOGIA SOCIAL.

<b>Antropologia Social</b>	
<b>Mestrado</b>	<b>Titulados</b>
Total de Titulados	<b>69</b>
<b>Mestrado</b>	<b>Linha de Pesquisa</b>
Cultura Material, Patrimônio e Sociedade	6
Gênero e Sexualidade	13
Memória, Paisagem e Produção Cultural	3
Paisagem, Memória e Gênero	11
Povos Indígenas e Populações Tradicionais	36
<b>Mestrado</b>	<b>Ativos</b>
Total de Ativos	<b>21</b>
<b>Mestrado</b>	<b>Linha de Pesquisa</b>
Gênero e Sexualidade	6
Memória, Paisagem e Produção Cultural	3
Migrações, Diásporas e Etnicidades	4
Povos Indígenas e Populações Tradicionais	8

  

<b>Doutorado</b>	<b>Titulados</b>
Total de Titulados	<b>52</b>
<b>Doutorado</b>	<b>Linha de Pesquisa</b>
Cultura Material, Patrimônio e Sociedade	5
Gênero e Sexualidade	6
Memória, Paisagem e Produção Cultural	2
Migrações, Diásporas e Etnicidades	3
Paisagem, Memória e Gênero	14
Povos Indígenas e Populações Tradicionais	22
<b>Doutorado</b>	<b>Ativos</b>
Total de Ativos	<b>36</b>
<b>Doutorado</b>	<b>Linha de Pesquisa</b>
Cultura Material, Patrimônio e Sociedade	3
Gênero e Sexualidade	8
Migrações, Diásporas e Etnicidades	4
Povos Indígenas e Populações Tradicionais	21

Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

A segunda maior demanda é da área de concentração em Arqueologia, com 14 doutorados e 36 mestrados titulados, e 27 discentes matriculados.

Ela se inicia com pesquisadores experientes, como Denise Schaan, Márcia Bezerra, além de pesquisadores convidados, como Maura Imázio da Silveira e Fernando Luiz Tavares Marques, ambos do Museu Paraense Emílio Goeldi. O foco da área de concentração é a formação teórica em Arqueologia antropológica, direcionada para atuação na Pan-Amazônia, levando em consideração a relação da(o) arqueóloga(o) e do patrimônio arqueológico com os coletivos humanos que habitam a região. Atualmente, as linhas de pesquisa vinculadas à área de arqueologia são: *Arqueologia na Amazônia* e *Cultura Material, Patrimônio e Sociedade*.

Em 2013 Diogo Menezes Costa passou a integrar o corpo docente, primeiramente como visitante e depois efetivado. Esteve também como professor visitante o arqueólogo português Tiago Ferreira Tomé, hoje professor efetivo na UFMG. Eu, Renata de Godoy, comecei como pós-doutoranda no PPGA, primeiramente com bolsa de pós-doutorado Júnior, do CNPq, entre 2013, e 2014; depois com bolsa da Capes, entre 2014 e 2016. Finalmente fui efetivada em 2017.

Entre os primeiros doutorados defendidos pela arqueologia, Mariana Petry Cabral (2014), sob orientação de Márcia Bezerra, recebe o nosso destaque. Mariana Cabral defendeu uma tese pioneira, e tem carreira acadêmica brilhante, visto que hoje ela é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq nível 2 e docente na UFMG. As primeiras dissertações de mestrado foram defendidas em 2012; dentre elas, destacaremos a de Daiana Travassos Alves (2012), sob orientação de Denise Pahl Schaan. Daiana integra o quadro de professores efetivos do PPGA desde 2019. Outros destaques vão para Esteban Barreno (2021), um pesquisador equatoriano que procurou orientação do Diogo Costa sem bolsa, atraído pela proposta do PPGA e pelo currículo de seu futuro orientador; e Silvandra Cardoso Gonçalves, quilombola, que acaba de defender sua dissertação de mestrado (2024) sob orientação de Márcia Bezerra, e já é doutoranda agora sob orientação de Katiane Silva.

Gostaríamos de dedicar um pouco mais de informações sobre Denise Schaan, que faleceu em decorrência de uma doença degenerativa fulminante no início de 2018. Denise foi uma pesquisadora brilhante, e extremamente

produtiva em seu curto momento neste plano. Sua passagem pela UFPA deixou muitos vestígios, o que não se limita apenas à criação do PPGA. Denise também abriu as portas da UFPA para a pesquisa arqueológica, e nos deixou como legado as bases de criação do atual *Laboratório de Arqueologia Denise Pahl Schaan* (LADS), nomeado em sua homenagem logo depois de sua partida. Deixou também uma coleção arqueológica e a reserva técnica de arqueologia, que hoje ainda se adéqua ao volume de material que está além da nossa capacidade, e o mais importante, abriu *caminhos da arqueologia na UFPA*<sup>4</sup>, o que gerou a efetivação de mais três arqueólogas(os): Pedro da Glória, que já era professor visitante na ocasião de sua contratação em 2018; seguido por Daiana Travassos Alves, egressa do mestrado do PPGA que retornou como pesquisadora depois de seu doutorado em arqueologia pela Universidade de Exeter, na Inglaterra; e Marcela Nogueira de Andrade. Denise Schaan sempre será parte do nosso corpo docente. Para quem tiver interesse, fizemos um número da Revista Amazônica em sua homenagem (Alves; Bezerra; Godoy, 2021). Representando a produção docente do PPGA, destacamos como exemplo uma publicação de Denise que retrata muito de seu engajamento e versatilidade, que é o artigo intitulado “Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia” (Schaan, 2014).

A área da Bioantropologia visa a qualificar profissionais para que sejam capazes de atuar nas diversas interfaces entre Arqueologia, Antropologia Social e outras áreas teóricas e práticas. O que pode incluir escavação e investigação de sítios arqueológicos onde existam restos esqueléticos humanos, ou a interação com pesquisadores interessados nos mecanismos biosociais que originam doenças entre populações tradicionais e grupos vulnerabilizados. Também se ocupa de questões relacionadas à ética e bioética das pesquisas envolvendo seres humanos do presente ou

---

4 Caminhos da Arqueologia na UFPA é, também, o nome de um evento de extensão longo do PPGA, primeiramente organizado pelos discentes de arqueologia, em 2012. Teve sua oitava edição em 2023, organizada por Marcela Nogueira de Andrade.



do passado, e de estudos sobre as relações entre biodiversidade e socio-diversidade, contribuindo, também, nas perícias na área de Antropologia genética e forense. No PPGA está organizada em duas linhas de pesquisa: *Antropologia Genética e Forense* e *Socioecologia da Saúde e da Doença*.

Em números, trata-se da área com menos representantes mas, nem por isso, menos produtiva. A Bioantropologia tem oito doutorados e 11 mestrados titulados; e cinco discentes matriculados. Seus pioneiros são Hilton Pereira da Silva, que coordena o Laboratório de Bioantropologia, e Flávio Bezerra Barros, bolsista de produtividade como muitos docentes no PPGA. Muitos pesquisadores já foram do nosso quadro docente, como Sidney Emanuel Batista dos Santos e Ândrea Kely Campos Ribeiro dos Santos. Hoje temos mais um professor efetivo, Helbert Medeiros Prado, aprovado no último concurso em 2023.

No caso de egressos, o destaque é para Eliene dos Santos Rodrigues, ou Putira Sacuena, indígena da etnia Baré. Putira defendeu mestrado e doutorado na área de Bioantropologia, sendo o mestrado (Rodrigues, 2018) sob orientação de Sidney dos Santos e o doutorado (Rodrigues, 2023) sob orientação de Hilton Silva, ambos coorientados por João Farias Guerreiro.

No Laboratório de Bioantropologia também funciona, desde 2010, o grupo de pesquisa do CNPq Laboratório de Estudos Bioantropológicos em Saúde e Meio Ambiente (LEBIOS). No que tange aos grupos de pesquisa, também variaram no tempo, sendo sempre bastante ativos em números. Podemos citar alguns, como o Ameríndia – Grupo de Pesquisa em Etnologia Indígena, liderado por Beatriz de Almeida Matos e Júlia Otero dos Santos; o GATA, acrônimo de Grupo de Antropologia do Turismo na Amazônia, liderado por mim, Renata de Godoy, e por Fabiano de Souza Gontijo, mas já não está mais em andamento. Outros, como o Grupo de Pesquisa Genética Forense e Antropologia Biológica, liderado por Sidney Emanuel Batista dos Santos e Ândrea Kely Campos Ribeiro dos Santos, não estão mais vinculados ao PPGA. Mesmo caso do GECA, Grupo de Estudos Culturais na Amazônia, liderado por Agenor Sarraf Pacheco e Jerônimo da Silva e Silva.

O corpo docente diversificado dialoga com a História, a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, as Letras, as Artes, a Museologia, a Biologia, a Genética e a grande área da Saúde. A seguir, listaremos mais alguns grupos de pesquisa e seus líderes, demonstrando temas e parceiros afins ao PPGA: Cidade, Aldeia & Patrimônio, liderado por Jane Felipe Beltrão e Katiane Silva; Grupo de Arqueologia Histórica Amazônica – GAHIA, liderado por Diogo Menezes Costa; Grupo de Estudo sobre Populações Tradicionais, Identidade, Gênero e Ambiente – GEPTIGAM, liderado por Edna Ferreira Alencar e Edila Arnaud Ferreira Moura; Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Biodiversidade, Sociedade e Educação na Amazônia – BIOSE, liderado por Flávio Bezerra Barros; Laboratório Nova Cartografia Social: Processos de Territorialização, Identidades Coletivas e Movimentos Sociais, sob liderança de Alfredo Wagner Berno de Almeida e Rosa Elizabeth Acevedo Marin; Territorialidades, Identidades e Gestão Ambiental em Áreas Protegidas, liderado por Edna Ferreira Alencar e Isabel Soares de Sousa.

Em termos de publicações, nosso corpo docente e discente é bastante ativo. Temos também a *Amazônica*, Revista de Antropologia (ARA)<sup>5</sup>, atualmente sob edição de Daiana Alves e Katiane Silva, um periódico de referência que hoje está classificado como A2 pelo último Qualis Capes. Trata-se de um periódico científico internacional, voltado a promover o debate, a construção do conhecimento e a veiculação de resultados de pesquisas científicas relativas às populações nativas da região amazônica, nos quatro campos da antropologia. Foi uma proposta ambiciosa, que visa a estabelecer-se como um fórum de debates para integrar cientistas que atuam nos diversos países amazônicos, promovendo e ampliando o debate internacional.

O PPGA ainda se destaca por sua abertura internacional, tendo em vista o trânsito de seu corpo docente e discente em instituições acadêmicas nos Estados Unidos, na Europa, na África e nas Américas, com a realização

---

5 Para maiores informações, consultar: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/about>.

de cooperações para a pesquisa, o ensino, a extensão e a inovação. Até o evento da pandemia de Covid 19, todos os anos tínhamos pelos menos um doutorando fazendo sanduiche no exterior. Um exemplo bem-sucedido da área de Antropologia Social foi o de Lucas Monteiro Araújo (2021), que realizou seu estágio no exterior na Universidade de Harvard, e recentemente publicou com seu orientador um artigo em periódico de extrato A1 (Araújo; Sarraf-Pacheco, 2023). Outros exemplos que gostaríamos de mencionar são Ney Gomes (2023), sob orientação de Daiana Alves; e Tiago Muniz (2022), orientado por Diogo Costa, ambos pela arqueologia, realizaram seus estágios durante o isolamento social na Europa; e Isabella Almeida de Oliveira, que ainda é doutoranda da área de concentração em Bioantropologia, orientada por Pedro da Glória, e acaba de terminar seu estágio nos EUA com bolsa Fullbright.

Uma característica do PPGA é o trânsito entre áreas e linhas de pesquisa, como o caso da Isabella citado anteriormente. Alguns professores, incluindo a mim mesma, já realizaram orientação assim. É o caso da Camila Alcântara (2021), que, sob minha orientação, defendeu tese na área de Antropologia Social, ou da Tallyta da Araújo da Silva (2021), que, pela Arqueologia, terminou seu trabalho com orientação de Jane Beltrão; e da Letícia Müller (2022), da Arqueologia, sob orientação de Hilton Silva.

Novamente trazendo uma reflexão de seus criadores, na época de sua concepção, o PPGA, justificava-se a oportunidade de sua criação numa perspectiva crítica, visto que já se sabia que havia

[...] tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos e na Europa, um movimento acadêmico no sentido de repensar o lugar dos quatro campos da Antropologia, não buscando voltar ao passado, mas no sentido de conceber a unificação a partir da realidade do século XXI. É importante notar que, nos EUA e na Europa, existe uma tentativa de recapturar a relevância dos quatro campos em contextos novos, em função de temas como o transnacionalismo, a globalização, a migração, as epidemias e a ética em pesquisas biossociais que continuam em voga nos países do hemisfério Norte. Mas não se tratou, nem se trata de imitação acadêmica. Na

Amazônia, entendemos que é preciso uma nova visão vinculando as áreas tradicionais ao redor de temas que contribuam substancialmente para a compreensão dos problemas específicos da região. Não basta que os profissionais dos diferentes campos antropológicos trabalhem juntos em projetos multidisciplinares. É necessário que falem a mesma língua, que compartilhem pressupostos teóricos e utilizem ferramentas metodológicas afins. Percebemos que, enquanto os quatro campos maiores parecem bem definidos, outras disciplinas valem-se de abordagens que cruzam essas fronteiras. Por exemplo, a Antropologia forense precisa das técnicas e teorias interpretativas arqueológicas para realizar a escavação de restos humanos de interesse policial, assim como do conhecimento da Antropologia física para estudar esses achados. Uma aproximação entre Arqueologia e Bioantropologia é também desejável para o estudo da evolução dos problemas relativos à saúde e à doença de seres humanos ao longo do tempo. Questões linguísticas e etnológicas, relativas à construção de significados simbólicos que resultam em determinados comportamentos sociais e relações com o meio ambiente, claramente também dizem respeito a estudos sobre conflitos ambientais, seus impactos na saúde das populações humanas e a emergência de novas doenças da contemporaneidade. Logo, como podemos estudar a trajetória humana na Amazônia prescindindo de uma abordagem antropológica integrada? (Beltrão; Schaan; Silva, 2019, p. 8-9).

## Reflexões finais

Desde a sua criação, em 2010, todos os editais de seleção preveem reserva de vagas especiais para políticas afirmativas para pessoas indígenas, pretas, pessoas com deficiência e para servidores técnico-administrativos da UFPA, além de quilombolas, desde a seleção de 2017. O Programa vem recebendo discentes estrangeiros(as) avulsos(as) e por meio de programas de mobilidade internacional (tal como o antigo OEA-GCUB e o atual GCUB-Mob) e tem aberto vagas para discentes cotistas; além disso, na atual

seleção, abrimos uma vaga inédita para candidatas(os) autodeclaradas(os) transexuais, travestis, não binárias(os) ou transgêneras(os).

Em 13 anos de funcionamento, o PPGA conseguiu estruturar de forma satisfatória três das quatro áreas da proposta inicial. Somos um Programa nota 5 pela CAPES, em duas avaliações quadriênis consecutivas, e isso demonstra o nível de excelência nacional notoriamente adquirido. Formamos 190 profissionais, das(os) quais 74 obtiveram o doutorado e 116 são mestras(es). São 52 doutoras(es) e 69 mestras(es) na área de concentração em Antropologia Social; 14 doutoras(es) e 36 mestras(es) na área de concentração em Arqueologia; oito doutoras(es) e 11 mestras(es) na área de concentração em Bioantropologia. Neste momento, temos matriculadas(os) 89 discentes, entre as(os) quais 50 cursam doutorado e 39 fazem mestrado. São números expressivos, especialmente considerando que estamos na periferia do Sul Global.

Gostaríamos de mencionar outros números, muito mais expressivos para o fim de formação de recursos em áreas estratégicas. Ao longo de sua existência, pelo PPGA se formaram 18 pesquisadores provenientes de ações afirmativas, sendo cinco doutores indígenas, seis mestres indígenas, três doutores quilombolas e três mestres quilombolas. Assim como formamos oito pesquisadores estrangeiros, ainda numa iniciativa tímida, mas que tende a aumentar ao passo que nos organizamos para atender aos critérios de internacionalização da CAPES e, assim, continuar crescendo. Atualmente, temos ainda discentes de mestrado e doutorado nas três categorias, sendo quatro doutorandos quilombolas e três indígenas, quatro mestrandos indígenas e uma quilombola; três doutorandos e três mestrandos estrangeiros.

Hoje, em 2024, contamos com 19 professoras(es)<sup>6</sup>. Nossa meta agora é nos adequar para a internacionalização. Como todos os demais, o PPGA sofreu impactos em decorrência da pandemia, e encontra-se em

---

6 Estamos em vias de credenciar a pesquisadora Gabriela de Paula Arrifano de Oliveira, aprovada no último concurso que realizamos, para Bioantropologia.

reestruturação. É chegada a hora de rever o nosso regimento, a fim de nos adequarmos a uma nova realidade de redes sociais e de divulgação de informações on-line. Hoje estamos com uma demanda importante para professoras(es) e pesquisadoras(es) da Antropologia Social, pois parte significativa do nosso quadro docente encontra-se afastado, seja por razões pessoais ou profissionais. Em breve, abriremos concursos para Teoria Antropológica, e outro para professor(a) visitante indígena ou quilombola, atendendo a uma demanda do corpo discente e da realidade que se impõe. Como toda estória nem sempre tem fim, dedicamos o momento para deixar em aberto o próximo capítulo da nossa aventura amazônica. E que venham mais 13 anos!

## Agradecimentos

Agradecemos a oportunidade de contar essa estória, que nos foi proporcionada através do gentil e honroso convite em fazer parte de uma coletânea em homenagem aos 70 anos Reunião Brasileira de Antropologia, feito por Candice Vidal e Souza e Cornelia Eckert. Agradecemos o convite de integrar o evento comemorativo que aconteceu em Belém, no dia 7 de dezembro de 2023, a partir de Sônia Magalhães, a quem estendo os agradecimentos. Agradecemos também aos colegas que gentilmente colaboraram para a elaboração deste texto, em especial Hilton Silva, Agenor Sarraf-Pacheco, Ernani Chaves e Diogo Costa.

## Referências

ALCÂNTARA, C. F. S. M. *Isso é coisa de museu!* - uma abordagem antropológica sobre a dicotomia da materialidade e imaterialidade dentro dos museus comunitários. 2021. 290f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

ALVES, D.; BEZERRA, M.; GODOY, R. Lendo iconografias e paisagens – a trajetória de Denise Schaan na Arqueologia. *Amazônica* – Revista de Antropologia, Belém, v. 13, n. 1, p. 11-31, nov. 2021.

ALVES, D. T. *Ocupação indígena na foz do rio Tapajós (3260 – 960 AP): estudo do sítio Porto de Santarém, baixo Amazonas*. 2012. 246f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

ARAÚJO, L. M. *O que os viajantes levaram? A Cultura Material Marajoara em Invenção nos Museus Brasileiros e Norte-Americanos*. 2021. 320f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

ARAÚJO, L. M.; SARRAF-PACHECO, A. As ‘notas’ de William Barnard e a arqueologia marajoara. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Ciências Humanas*, v. 18, n. 3, p. 2178-2547, 2023.

ARAÚJO da SILVA, T. S. *Riquezas da terra: paisagens e ocupações na Serra Leste de Carajás*. 2021. 248f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

BARRENO, E. F. A. *Bois, peixes e outros bichos: La vida cotidiana, la alimentación y la carne. Una aproximación a la agencia en la alimentación y al consumo de carne en una casa de “elite” durante el siglo xviii en la ciudad de Belém/PA. Un análisis zooarqueológicos*. 2021. 88f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

BELTRÃO, J. F.; SCHAAN, D. P.; SILVA, H. P. E assim se passaram 10 anos. *Caderno 4 campos*, v. 1, p. 6-10, 2019.

CABRAL, M. P. *No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta*. 2014. 277f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

CARDOSO, W. R. S. *Para além da juventude: “antropologia da experiência” e do “modo de vida gay” de homossexuais masculinos em processo de envelhecimento da cidade de Soure (Marajó/Pará)*. 2014. 235f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

DOMINGUES, W. C. L. *Cachaça, Concreto e Sangue! Saúde, Alcoolismo e Violência entre os Povos Indígenas no Contexto da Construção da Hidrelétrica de Belo Monte*. 2017. 119f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

DOMINGUES, W. C. L. *Entre o ouvido e o escutado: uma história da saúde Indígena no Brasil*. 2022. 215f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

FERNANDES, R. P. *Na educação continua do mesmo jeito: retomando os fios da história Tembé Tenetehara de Santa Maria do Pará*. 2017. 266f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

GOMES, R. N. C. *O fazer arqueológico no trabalho de campo em um sítio na Campina, Centro Histórico de Belém: sujeitos, paisagem e cultura material*. 2023. 111f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

GONÇALVES, S. C. *“Tudo ali eles usavam tipiti pra espremer massa, tem o pilão, são objetos que foram usados pelos nossos avós ...”*: O Museu Negra Lúcia Maria Cardoso – Quilombo São José dos Pretos, Guimarães – Maranhão. 2024. 139f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

MACHADO, A. M. *De Sonhos ao Oguatá Guassu em busca da(s) terra(s) sem mal*. 2015. 209f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.



MÜLLER, L. M. *Escrito em ossos e dentes: dieta e saúde oral de populações pré-coloniais da Volta Grande do Rio Xingu (PA) por meio da análise de isótopos estáveis e bioarqueologia*. 2022. 349f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

MUNIZ, T. S. A. *Os agentes do deus elástico durante o século XIX no Médio Amazonas*. 2022. 262f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

RODRIGUES, E. S. *Saúde da Mulher Indígena: Antropologia e Câncer de Colo de Útero nas etnias Xikrin do Cateté, Assurini do Trocará no Pará, Amazônia*. 2018. 108f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

RODRIGUES, E. S. *Saúde Indígena: Como o Caderno e a Caneta na Mão Trazendo os Determinantes Sociais, Epidemiologia, Genética/Ancstralidades e os Povos Indígenas na Pandemia da COVID-19, Amazonas – Brasil*. 2023. 114f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

SCHAAN, D. P. *Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia*. *Anuário Antropológico*, v. 39, n. 2, p. 13–44, 2014.

SILVA, J. S. *Cartografia de afetos na encantaria: Narrativas de Mestres da Amazônia Bragantina*. 2014. 267. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SOUSA, M. P. S. *Resistências Malungas: agências sociopolíticas de mulheres quilombolas em Salvaterra, Arquipélago do Marajó/Pará*. 2022. 347f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

VIEIRA, M. C. *Os jovens flâneurs.com: A construção e a liquidez da identidade no espaço das redes sociais da internet*. 2013. 219f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.